

# SEMANA RELIGIOSA

## BRACARENSE

LITTERARIA E NOTICIOSA

*Sexta feira 18 de Outubro de 1878*

**IV VOL. N.º 178.**



**BRAGA:**

TYPOGRAPHIA LUSITANA


Rua Nova n.º 4

1878

Tendo em consideração que o jornal intitulado *A Semana Religiosa Bracarense* é principalmente destinado a interessar o clero d'este Arcebisado no movimento ecclesiastico, que n'elle possa haver; e que por meio do mesmo jornal as Nossas Pastoraes, Provisões d'interesse geral e quaesquer outras medidas governativas, que Nos seja necessario tomar, podem chegar mais facilmente ao conhecimento tanto do clero como dos fieis, o que muito convém á disciplina ecclesiastica d'esta vastissima Archidiocese Primacial; Havemos por bem ordenar que os documentos publicados no mesmó jornal, e que forem por Nós assignados, sejam reputados como verdadeiros e authenticos, para todos os seus effeitos.

Residencia no Seminario de S. Pedro, 22 de Maio de 1875.

**João, Arcebispo Primaz.**



# A SEMANA RELIGIOSA BRACARENSE.

E' com o maior prazer que damos aos nossos leitores conhecimento da resposta, que o Nosso Santo Padre Leão XIII se dignou enviar á felicitação do Exc.<sup>mo</sup> e Revd.<sup>mo</sup> Sr. Arcebispo Primaz, com data de oito d'Agosto, e em que dá a esta Diocese a Benção Apostolica.

## LEO P. P. XIII.

*Venerabilis Frater, salutem et Apostolicam Benedictionem.*

*Acceptissimas quidem habuimus gratulationes ac cætera officia, quæ litteris ad Nôs datis commisisti. Venerabilis Frater; illo tamen præsertim delectati sumus, quo diserte profiteri voluisti incensum Petri cathedræ amorem, veram et integram infallibili ejus magisterio obedientiam, atque constantem et firmissimam fidem doctrinis, quas tenet et docet Sancta Romana Ecclesia. Licet enim de tua ista egregia animi comparatione minime dubitarem; tamen, cum nihil magis cordi sit Nobis catholica unitate, quæ per docentis Ecclesiæ consensum potissimum explicatur, suavissimum. Nobis accidit, perfectum hunc consensum iterum atque iterum significari ab Episcopis in tanto errorum turbine, qui impetu malitiæ quæ sua catholicam compagem quatere et disgregare conatur. Gratissimo propterea excepimus animo tuæ devotionis significationes; te quæ operosum adiutorem in religione sacris quæ Ecclesiæ juribus propugnandis habere fidentes, omnia tibi necessaria auxilia imploramus a Deo, cujus favoris auspiciem Apostolicam Benedictionem, præcipuæ Nostræ benevolentiæ testem, tibi, Venerabilis Frater, universæ quæ Deæcesi tuæ peramanter imperlimus.*

*Datum Romæ apud S. Petrum die 8 Augusti 1878.*

*Pontificatus Nostrî anno primo.*

LEO P. P. XIII.

## LEÃO P. P. XIII.

Veneravel Irmão, Saude e Benção Apostolica.

Recebemos com o maior prazer as tuas felicitações e outros obsequios expressos na carta que tu, Veneravel Irmão, nos dirigiste; mas principalmente Nos alegamos em ver a distincta manifestação do teu ardentissimo amor á Cadeira de Pedro, a verdadeira e inteira obediencia a seu infallivel magisterio, e a constante e firmissima fé nas doutrinas, que a Santa Egreja Romana sustenta e ensina.

Ainda que não tivessesmos a mais pequena duvida acerca d'esta boa disposição do teu espirito, no entanto como nada haja tão grato ao Nosso coração como a Unidade Catholica, que principalmente se manifesta pelo consenso da Egreja Docente, é para Nós de grande consolação, que no meio d'este turbilhão de erros, que violenta e maliciosamente se esforça em abalar e desfazer a Unidade Catholica, os Bispos Nos

signifiquem seu perfeito consenso. Recebemos por tanto com o maior prazer a manifestação de tua dedicação; e confiando em tua activa coadjuvação na defeza da Religião e dos Sagrados direitos da Igreja, supplicamos a Deus te conceda os auxilios necessarios, e como penhor d'esta graça te damos de todo o coração, em testemunho do Nosso affecto a ti, Veneravel Irmão, e a toda a tua Diocese a Benção Apostolica.

Dado em Roma em S. Pedro no dia 8 d'Agosto de 1878—primeiro anno do Nosso Pontificado.

LEÃO P. P. XIII.

---

AO

EXC.<sup>mo</sup> E REV.<sup>mo</sup> SENHOR

D. JOÃO CHRYSOSTOMO D'AMORIM PESSOA

Arcebispo de Braga

E

Primaz das Hespanhas

NO

DIA DE SEUS ANNOS

*14 d'Outubro de 1878*

---

E's alto espirito d'alto aviso cheio,  
Que p'ra gloria do mundo ao mundo veio.

BERN. CAR. XXIX.

Tu, que nas margens do meu patrie Douro  
Outr'ora me inspiravas,  
Gentil Camena, e affagosa e meiga  
Me fazias soltar sonoros hymnos,  
Vem-m'os hoje inspirar almos, divinos.

N'este Dia sem par, que a bem do mundo  
Deus, sorrindo fadou,  
Para dar-lhe um Mortal, alto modelo  
De saber, de virtude e probidade,  
Raro milagre n'esta ferrea idade:

Que o Tempo, sobre as azas, jubiloso,  
Orgulhoso, conduz:  
Brazão das eras, de nobreza e d'honra,  
Digno que o mundo lhe consagre preitos;  
Digno quasi de culto em nossos peitos:



Ao Sapiente Varão, esmalte e gloria  
 Da Bracarense Igreja ;  
 Da vinha do Senhor cultor zeloso,  
 Quero sagrar-Lhe sobre a eburnea lyra  
 Canto, que ingenua gratidão me inspira.

Quero seu Nome grande e portentoso  
 Aos astros elevar,  
 Para entre os astros ser um astro novo,  
 Que sobre a terra nova luz derrame ;  
 É geral brado em seu louvor inflame.

Oh ! podera eu queimar-lhe em ará d'ouro  
 Os aromas sabêos,  
 De Zabulon, do Libano perfumes ;  
 E do Delio no carro refulgente,  
 Graval-o p'ra existir eternamente.

Sagremos, pois, a Seus Festivos Annos  
 De respeito esta prova :  
 Não são da adulação meus versos filhos ;  
 Meus incensos não queimo em ara impura  
 De gratidão são filhos, santa e pura.

Mas eu, mesquinho bardo, que pertendo ?  
 Fitar do Sol os raios  
 Sómente as aguias sem receio podem.  
 Cantar esse Varão sabio, eminente  
 Só do Poeta Rei a harpa ingente.

Só Anjos podem seu louvor tecer,  
 Sobre as lyras divinas :  
 Não póde tanto a linguagem d'homens :  
 Suspendamos, pois, Muza, o vôo ousado,  
 Que tentar impossiveis não me é dado.

Braga 14 d'Outubro de 1878.

Tributo de gratidão

E

de profundo respeito  
 João Luiz Correa Junior.

## O SOCIALISMO.

(Continuação de pag. 285.)

### II

Antes de resolver as questões, que nos propozémos no capitulo precedente, julgamos conveniente mostrar quão perversa e perniciososa é a propaganda do *socialismo*, que, arrojada e temerariamente, se abalan-

ça a demolir as instituições mais sagradas, as leis mais salutares e os principios mais beneficos, que são a salvaguarda e o anjo protector da prosperidade dos povos.

Não são certamente desconhecidos de nós os seus maleficos e damnados intentos, quando esta associação de insanos e perigosos *sociophobos* se propõe unica e exclusivamente lançar mão da propriedade, favorecer as discordias entre os industriaes, fomentar as revoltas entre os operarios e as classes desprotegidas da fortuna, e conduzir assim a sociedade a um estado de miseria horribeis, de fomes insaciaveis e de guerras crudelissimas, cujo quadro é difficil pintar e apresentar n'este nosso pobrissimo escripto!

O alvo, a que miram principalmente as suas tão illegitimas como malevolas ambições, é a abolição da *propriedade individual* do solo para a fazer entrar na *propriedade collectiva*, é a suppressão completa e definitiva das classes e o nivelamento politico, economico e social de todos os individuos de ambos os sexos! (1)

Eis aqui a mais impia e irrealisavel utopia, que se podia aventar, afim de acabar com um dos direitos mais sagrados, de que Deus investio o homem.—o direito da propriedade!

O *socialismo*, procedendo assim, destroe a justiça, aniquila as industrias, esterilisa a agricultura, paralysa e arruina o commercio e mata em nós a santa aspiração do trabalho, que é a famosa alavanca, com que podemos alcançar alguns bens de fortuna, que nos sejam um doce allivio para as nossas enfermidades, um solido amparo para a nossa decrepita velhice e um patrimonio seguro para os nossos paes e parentes, que, sem elle, morreriam no meio das incomportaveis torturas da indigencia e da miseria!

Além d'isso, não será duro e cruel ver um pobre pae de familia, labutando e lidando quotidianamente para que não falem aos seus os meios necessarios á sua subsistencia, confranger-se e contristar-se com a penosa idéa de que os seus bens, producto de suas afanosas lides, iriam regalar estranhos e desconhecidos?

Qual será o proprietario, ainda que muito pobre, que consinta de bom grado que lhe tirem os seus bens, as suas roupas, a sua camisa, em detrimento dos filhos, que elle estremece, para beneficio d'outros?

Que homem haverá, que, por mais rude que seja, não estremeça, ao lembrar-se de que as suas pequenas propriedades, os seus mediores bens se convertem em *propriedade commum*?!

Proclamando aos quatro ventos da terra as tres sonoras e fatidicas palavras—*liberdade, egualdade e fraternidade*, em cujo nome se perpetraram em 1793 os mais horribeis attentados, se commetteram os mais negros crimes e se representaram as mais ensanguentadas scenas de matança e feroz carnificina; hasteando sobre as paredes, ainda fumegantes, dos palacios por elles abrazados, o pendão vermelho, symbolo das suas dissolventes e sanguinarias *theorias*, os socialistas gritam alto e bom som—guerra exterminadora á Igreja, ao clero, ás monarchias, ás industrias, ao commercio, aos operarios, aos pobres, a tudo! . . .

---

(1) Assim o determinou o Congresso de Bale de 1869.

*Liberdade?* ! querem a *liberdade*, porque, dizem elles, não a ha nas instituições actuaes ; não ha verdadeira liberdade, continuam elles ainda, enquanto não se realizar a emancipação absoluta e completa de todo e qualquer poder!

E' por este motivo, que elles atacam as leis, assassinaam os magistrados, incendiam os tribunaes e fusilam as populações inermes e os exercitos mantenedores da ordem!

E' por esta razão, que elles querem conseguir tornar-se independentes dos codigos e dos governos, e pugnar sempre e impetuosamente pela suppressão do exercito! (2)

*Liberdade?* ! Oh! flôr mimosa, plantada nos canteiros do vasto e formoso jardim do catholicismo, quantas vezes o bafo pestifero e abraçador das paixões humanas, crestando as tuas delicadas petalas, te não tem feito enmurchecer e pender, sem viço e sem alento, na teura hastea, que te sustenta?

Oh! quantas vezes o furacão impetuoso das revoluções não tem feito desmaiar e empallidecer as tuas vivas côres, e perder o gratissimo aroma, que, na solidão, exhalavas em olorosas essencias, que se espargiam e ascendiam até ao throno de Deus, de quem és filha dilecta?!

E são estes homens, reprobos de Deus e do mundo, que dizem que tu já os não inebrias com os teus aromas, que as tuas côres já não são para elles vistosas, que tu já não tens encantos, nem atractivos!

O que elles amam, o que elles ambicionam, o que pretendem é entregar-se nos braços da feroz e revolucionaria *licença*,—essa fonte perenne de désordens, de malquerenças e de desvarios! o que elles desejam é gozar, não as tuas suaves ternuras nem os teus doces encantos, oh liberdade, mas, sim, os fementidos e venenosos osculos, com que os fascina e seduz essa monstruosa *licença*, que tantos e tão consideraveis males tem causado!

A outra *insigne* divisa da famosa seita socialista é a *egualdade de bens*, para que os homens sejam completamente eguaes; esquecendo-se de que todos já somos eguaes, participando da mesma natureza, da mesma origem e do mesmo fim; todos possuímos direitos eguaes á nossa subsistencia, á nossa conservação e ao livre exercicio das nossas faculdades, sem que, comtudo, sejamos semelhantes, porque

---

(2) O *Congresso de Genebra*, celebrado em 1866, no § 6.<sup>o</sup> pede a suppressão dos exercitos permanentes; e a *Egalité*, de 27 de Maio de 1869, orgão da *Internacional*, brada aos operarios: «os exercitos permanentes são filhos do mais abjecto despotismo—», e mais adiante diz; «—abaixo os exercitos permanentes!». E' com a maior satisfação, que elle diz ainda: «a tendencia da epocha é a destruição de toda e qualquer lei; os cultos esvaem-se e acabou-se o respeito para com os denses, para com os reis e para com os poderosos: é este um dos caracteres d'este nosso tempo!»

Quer-se mais positivo e mais terminante um programma revolucionario?!



differimos na idade, no talento, na riqueza, no temperamento, no character, nos gostos, etc.

Posto isto, podemos afirmar, sem perigo d'errar, que é absolutamente impossivel aos socialistas estabelecer a *egualdade de bens*; mas, quando isto fosse possivel, não poderiam conserval-a por muito tempo, porque não podiam obstar, nem impedir, que o homem laborioso e intelligente trabalhasse mais e ganhasse mais, que um homem ocioso e ignorante.

O fim, pois, do *socialismo*, proclamando a egualdade de todos os homens, é proceder á divisão ou partilha *equal* de seus bens, e não reconhecer a existencia de *auctoridade* alguma, que elle diz ser contraria á liberdade.

A auctoridade, porém, não attenta contra a liberdade, antes a mantem e a salvaguarda; d'outra sorte o poderoso opprimiria o fraco, o astucioso o ingenuo, e o usurario o faminto; a auctoridade cercea o uso da liberdade sómente, quando impede que se pratique o bem, em vez de reprimir o mal; como succede com os governos, que se oppõem á propagação da verdade.

Quando na França, em 1791, a revolução apeou do throno a monarchia e a levou á guilhotina, os principios da *liberdade* e *egualdade* foram mal comprehendidos e mal applicados; porque, se a *liberdade* fosse o poder ou o direito de praticar indifferentemente o bem ou o mal, e se a *egualdade* consistisse na similhaça absoluta e completa de todos os homens, obter-se-hia desde logo a reforma, que ora pretende o *socialismo*: a abolição da propriedade, a suppressão do casamento e a revolta contra a auctoridade divina e humana.

Eis ahi, pois, a *egualdade*, que o *socialismo* apregôa! Elle, que pretende que todos tenham *eguaes* porções de bens, quer astuciosamente arrogar a si o poder de fazer as partilhas d'elles, com o fim de lhe tocar a *maior* e a *melhor* parte; elle, que ataca a auctoridade e se revolta contra todo o poder legitimamente estabelecido, investe-se do mesmo poder para mandar, dispôr e obrigar mesmo a vontade dos *associados*; elle, que pede a suppressão dos impostos (3), lança repetidas contribuições aos proprios adeptos! (4)

A outra jactanciosa divisa, com que se apresenta e impõe o *socialismo*, é a *fraternidade*!

Esta associação medonha e ferina, esta nefanda e detestavel seita do *socialismo*, por cuja extineção todos os governos se devem empenhar, esta terrivel e odiosa associação mostra em seus perigosos ensinamentos, publicados nos seus abominaveis jornaes, apenas uma só face das questões,—só aquella, que pode irritar e exacerbar os povos, e

(3) *Não queremos mais impostos!*, palavras de Eugene Dupont no Congresso de Bruxellas em 17 de Setembro de 1868.

(4) Veja-se o art.º 4.º do «Regulamento de Pariz», o art.º 7.º do «Regulamento Geral do Congresso de Genebra», e o art.º 8.º dos «Estatutos da federação parisiense», em que se decretam contribuições aos filiados no *socialismo* e se lhes impõem penas severas, quando não paguem em certo prazo de tempo.



nunca a que poderia subministrar-lhes algum conforto e incutir-lhes coragem, para arrostar de frente com a adversidade!

E assim, ao trabalho pesado das classes pobres e desvalidas o *socialismo* oppõe a *ociosidade* das abastadas; compara a estreiteza e a pequenez do albergue carcomido, musgoso e desmantelado do pobre com os luxos fabulosos e raras sumptuosidades dos nobres e ricos solares dos grandes senhores; e, quando vê o operario tomar a sua magra e frugal refeição, lembra-lhe os lautos e opiparos jantares com que se banqueteam os ricos!

Mas, empregando sempre a calumnia e a perfídia, o *socialismo* nunca narra a heroica acção christã d'aquelle, que, por entre as espessas nuvens de fumo e as mil linguas de fogo, que lambem e devoram um edificio abrazado, se arrisca, com perigo da propria vida, a subir até uma pobrissima trapeira, só para salvar de cruciante morte o mendigo, que jaz paralytico no seu pobre catre!—nunca por nunca o *socialismo* aponta o christão, que, movido pela *fraternidade christã*, desce aos carcereiros a prestar soccorros e a subministrar doces consolações!—nunca memora as famosas associações de caridade, estabelecidas para proteger, sustentar e educar a infancia desvalida; para alliviar, consolar e soccorrer as familias dos operarios cahidos em penuria e miseria; para regenerar e converter as infelizes e desditosas peccadoras; para levar o suave conforto e as gratas consolações aos pobres moribundos, que se estorcem e confrangem em angustiosas agonias nos campos de batalha; para tractar com carinho e desvelo os pobres enfermos, que se finam nos hospitaes; para... mil outros fins todos louvaveis, todos christãos, todos santos!

Porventura o *socialismo* lembrou nunca essas pobres e dedicadas mulheres, que, furtando-se aos carinhos de seus extremosos paes, abandonaram a sua brilhante posição no mundo, os prazeres que ella lhes offerecia e a acalentadora esperanza de uma ditosa união, só para se entregarem mais desafogadamente ao santo exercicio da *fraternidade christã*,—ellas, que, delicadas e timidas, muitas vezes têm de assistir a scenas de horrorosa carnificina em disputados combates; ellas, que, mimosas e fracas, se expõem a duras privações e a penosos trabalhos nas inhospitas paragens da Oceania, nas plagas remotas do oriente, longe dos seus que tanto as estremeciam; ellas, que, formosas como as açucenas dos campos e puras como os lyrios do valle, se internam em paizes selvagens e vivem entre povos barbaros, só para lhes ensinar as salutaes doutrinas do Christianismo, para os confortar nas suas amarguras, dissipar as trevas da sua ignorancia e dedicarem-se á salvação eterna d'estes infelizes?!

Oh! admiravel fraternidade christã!! oh! mil vezes santa a doutrina, que inspira tão famosos heroismos! bemdita sejas, oh cruz!, arvorada no Galgotha para nossa redempção, que incutes tanta coragem aos que reverentemente te adoram!...

Quantos corações amargurados, retalhados d'angustias, desesperados, têm recebido suave e refrigerante conforto da caridade christã, inspirada pelo amor de Deus!

Quantas lagrimas amargas têm sido enxugadas pelas santas consolações da fraternidade christã!

Porventura o *socialismo* chamou já a atenção sobre os sacerdotes catholicos e pessoas dedicadas ao serviço da Igreja e da caridade christã, a não ser para as cobrir de ultrages e dirigir-lhes os mais irritantes sarcasmos?

Eis aqui em pequeno quadro os beneficios da *fraternidade christã*.

Vejam os agora se o *socialismo* tambem, como a Igreja Catholica, preza e observa a fraternidade, de que elle tanto blasona.

*Oh! quantum mutatus ab illo!*

Como é differente a fraternidade do *socialismo* da do catholicismo! . . .

A' primeira vista parece que prezam muito a fraternidade; porque, ostentando a sua terrivel ferocidade, os *communistas* bradam bem alto—*liberdade, equaldade e fraternidade*,—palavras sonoras, que despertam o seu espirito de incendiarios, mas que ferem os ouvidos christãos e se lêem com pezar na sua bandeira vermelha!

Infelizmente, porém, proclamam a *fraternidade* ou a morte, o amor *universal* ou o terror! (5)

Só o *socialismo* poderia arrojarse a denominar indifferentemente uma bandeira symbolo do terror ou do amor *universal*!

Que admira, portanto, que o *communismo* ou o *socialismo*, que vale o mesmo, haja figurado nas barricadas de Pariz, nos incendios de Alcoy e Carthagena e nas tentativas d'assassinato contra o imperador Guilherme?

Para tornar bem frisante a differença entre a *fraternidade* do catholicismo e a do *socialismo*, permitta-se nos, que transcrevamos aqui as seguintes palavras, proferidas no Congresso de Berne, em 1867, por Jaelard, membro da *Internacional*, as quaes são tão significativas, que dispensam qualquer commentario nosso.

«—A minha opinião, dizia elle, é que se deve acabar com todos; e não será senão sobre ruínas fumegantes, que se ha de firmar a republica definitiva; e será sobre as ruínas cobertas, não do sangue d'elles, (porque já ha muito o não têm nas veias), mas dos seus restos accumulados, que desfaldaremos a bandeira da revolução social—».

Que *consoladora* fraternidade em tão poucas palavras!

Tambem a revolução, em 1793, fallava muito da *fraternidade* e d'ella usava com o trabalho incessante da guilhotina, com os fusilamentos de Lyon, com as execuções de Nantes e com outros actos d'amor *universal*!

A maneira, pois, como o *socialismo* entende a *fraternidade*, não será muito semelhante ao modo como elle encara a *liberdade* e a *equaldade*?

Não temos visto como esta destruidora seita vive nas trevas do crime, alumiadas de espaço a espaço pelo avermelhado clarão de crepitantes incendios?

(5) A *Egalité*, já citado, de 22 de Maio de 1869, clama: «para nós a bandeira vermelha é o symbolo do amor universal», e em seguida diz mais; «que nossos inimigos se não atrevam, pois, a transformal-a contra si proprios em bandeira de terror!»

E' com profundo sentimento e com intima dôr, que presenciamos que, para o infeliz reprobado, cujo nome está gravado em letras de fogo na matricula maldita do socialismo, não se projecta sequer um pequeno raio, ainda que desmaiado, da lua da felicidade entre as puras e castas açucenas d'uma familia amada;—que as loiras, rosadas e alegres creancinhas, filhas de um feliz consorcio, não acariciam, nem beijam as suas lividas faces, onde se abrem uns olhos encovados, lugubres e hediondos;—que não desabrocham olorosas e delicadas flôres para aquella alma precita, como Satan,—o desgraçado genio dos profundos abysmos do mal—, e árida, como os vastos desertos d'Africa, onde não ha sequer um refrigerante oasis, nem a mais pequenina planta;—que não exhalam intimos suspiros de amor aquelle coração attribulado e perdido nas escapelladas ondas do profundo oceano de horrores e crimes! . . .

Oh! e sempre e por toda a parte o ferem e angustiam os agudos espinhos de dilacerante remorso! . . .

As ciciantes harmonias das solidões, os gemidos da brisa, que passa pelos arvoredos, os maviosos gorgeios da philomela, o suave murmuro dos pequenos arroios, deslisando pura e crystallina agua, os lagos dormentes sob a limpida e alvissima luz de brilhante luar, a formosa e rosada aurora, que se abre entre sorrisos de luz e calor, o desmaiar e empallidecer do crepusculo, tudo passa por este maldito de Deus e da sociedade, por este ser ralado de angustias e temores, como o funereo som da fria lousa sepulchral, que cabe sobre o tumulto, onde ficam encerradas as cinzas de uma pessoa querida!

Oh! e sempre o implacavel remorso a perseguil-o! e elle a querer abafal-o, embrenhando-se cada vez mais nos desvios do crime! e nunca, nunca o guiará a serena paz do trabalho, nunca o doce socego da familia, nunca a dulcissima tranquillidade da consciencia!!

Eis os resultados funestissimos dos perversos e nocivos ensinamentos d'essa nefasta associação *socialista*, que conta já milhões de adeptos! eis o abysmo cavado e profundo, aonde podem conduzir-nos os desvarios da razão, que pretende emancipar-se do jugo suave da religião, dos vinculos da auctoridade e do cumprimento exacto e rigoroso das suas leis!

Já longo vae este artigo, e mais longo do que desejavamos; por isso empregaremos o esforço necessario para abreviar o que nos resta dizer com o unico fim de apresentar bem patentes em toda a sua hediondez as ulceras cancerosas do *socialismo*, que contagiam e devoram a sociedade dos nossos dias.

Cumpre ainda fallarmos de dois pontos principaes, que por si são bastantes para pôr á luz da evidencia as malevolas intenções, que presidiram á fundação e estabelecimento de uma tão perversa, como nociva associação.

Estes pontos são os seguintes: não admittir o *socialismo* o casamento como instituição politica, religiosa, juridica e civil; e declarar-se atheista, pretendendo, como tal, a abolição dos cultos.

«—A alliança da democracia socialista quer a abolição do casamento, emquanto instituição politica, religiosa, juridica e civil—». (6)

---

(6) Este programma sahio publicado n'um dos órgãos do *socialismo*, no *Internacional* de 27 de Maio de 1869.



Como se vê, o *socialismo* regeita não só a sanctificação e a indissolubilidade do matrimonio, mas também toda a especie de lei, quer civil, quer politica, que regule a união entre os dois conjuges; podendo cada homem escolher hoje a seu bel-prazer uma consorte e repudial-a amanhã, para no dia seguinte unir-se com segunda mulher, e contrahir nos dias immediatos tantas uniões, quantas lhe aprouver!

Depois de haver pretendido a abolição da propriedade, o *socialismo* é consequente, supprimindo o casamento.

E na verdade, enquanto o homem e a mulher se unirem pelo sagrado e indissolúvel laço do matrimonio; enquanto procrearem prole legitima, para a qual tendam todos os seus cuidados, carinhos e ternuras, hão de certamente trabalhar sempre, não para estranhos ou desconhecidos, mas para si e para os seus descendentes.

No momento em que fosse abolido o matrimonio, no dia em que acabasse para o homem e mulher o indissolúvel laço do casamento, não haveria familia; e n'este caso, o homem jámais se preocuparia, pensando em quem haveria de ser o seu herdeiro; e então, e só então, é que na verdade se viveria *em commum*.

O *socialismo*, que deseja extinguir o casamento, não ignora certamente o mutuo auxilio e o reciproco apoio, que se prestam marido e mulher nos dolorosos transe da vida, que ambos soffrem; não desconhece as doçuras, de que está cercado o lar domestico, onde o homem, regressando do trabalho diurno, encontra a affabilidade e os sorrisos de sua carinhosa esposa e as ternuras e afagos consoladores de seus tenros e queridos filhos, com que elle suavisa as agruras do seu trabalho manual, alcançando no meio d'estas expansões da familia novas forças para ganhar o necessario á subsistencia d'aquelles, que tanto ama!

Mas não obstante, o *socialismo* julga vantajoso antepôr e preferir ao matrimonio, origem da familia, da economia, da riqueza e da força dos estados, as uniões sem lei alguma, em virtude das quaes o homem fica privado de uma solícita e dedicada companheira, a mulher envilecida e os filhos sem amparo!

Que triste systema este o do *socialismo*, que não recúa ante as instituições mais salutaes, só para conseguir os seus diabolicos intentos!

Que abominavel seita esta, que só folga e se compraz, manejando o camartello destruidor contra o que ha de mais sagrado e de mais venerando! nem a propriedade, nem a honestidade, nem a familia, nem a esposa, nem os filhos escapam ás suas vorazes ambições!

E' horrivel esta tão perversa, como facinorosa associação!

Mas porque é que o *socialismo* se declara atheista e quer a abolição de cultos? (7)

Porque é que Varlin, um dos membros mais arrojados da *internacional* não hesitou em dizer publicamente: «é contra a ordem juridica, economica e religiosa, que devem tender todos os nossos esforços»? (8)

(7) Assim o declarou um dos seus jornaes, a *Egalité* de 22 de maio de 1869.

(8) A *internacional* ou o *socialismo* quer que cada individuo aprofunde todos os conhecimentos humanos, devendo excluir-se d'este programma o ensino religioso.—Congresso de Lausanne de 1867.

Reconhecendo o *socialismo* que a religião é o vinculo sagrado, que une estreitamente entre si as familias; e que a união d'estas torna solida e inabalavel em seus alicerces a sociedade, é contra Deus e contra a religião que elle dispara todos os seus esforços, porque da abjuração da fé christã é que resulta a desunião das familias e a destruição da sociedade.

E na verdade é com sentidas lagrimas, que recordamos que o homem, privado das suaves consolações da religião, afunda-se nas trevas de angustiosa duvida sobre o seu destino na vida futura, entrega-se a toda a especie de gosos mundanos, não trabalha para obter para si uma recompensa, em que não crê, não teme castigos, cuja existencia elle nega, e commette os mais abominaveis excessos, que cavam a ruina e a desolação do sociedade!

Partido o freio das más inclinações, quebrada a união entre a creatura e o seu Deus, supprimida a religião, desapareceriam desde logo a verdadeira liberdade e a segurança dos estados, e a sociedade cahiria em um estado peor que o de selvagem!

Eis porque o *socialismo*, agitando o facho da revolução, movendo-se nas trevas das suas ambiciosas e loucas aspirações, procurando sempre e por todos os meios desmoronar a sociedade, não deixando pedra sobre pedra, e tripudiando sobre as suas ruinas, emprega toda a sua audacia para apagar a deslumbrante luz, que se irradia do catholicismo, para afogar em sangue os seus ministros sagrados e reduzir a um montão de cinzas os seus livros santos!

E' o proprio *socialismo*, que confessa publicamente, que, para derrocar e destruir a sociedade, lhe é indispensavel extinguir a luz radiante da fé catholica; deixando em paz o protestantismo, do qual não se arreceia, por causa das multiplices divergencias, que lavram entre os seus sectarios.

E com effeito, emquanto permanecerem firmes e immutaveis os principios beneficos e salutareos do catholicismo, sobre que se baseia a verdadeira liberdade; emquanto os homens, observando as dulcissimas doutrinas de Christo, considerarem o proximo como seu irmão e igual; emquanto amarem, consolarem e socorrerem os desgraçados e os proprios inimigos; emquanto os catholicos derramarem até á ultima gota o seu sangue em defeza da sua fé, da patria e da familia; o *socialismo* ha de ter sempre de frente um invencivel baluarte, que varrerá e esmagará as audaciosas fileiras dos que contra elle se atreverem!

Demais o sabe o *socialismo*; porque, para a destruição da Igreja, assassinato dos seus ministros e torturas dos fieis, todas as armas lhe parecem boas, todos os meios legitimos, todos os esforços louvaveis!

Considere-se e medite-se bem o facto recentissimo, succedido na Alemanha, onde o grande Chanceller do imperio, o temivel principe de Bismark, reconhecendo, mas tarde, os males atrozes causados ao estado pelo *socialismo*, a desolação geral das populações, a paralyisia do commercio, a morte das industrias, a esterilidade da agricultura e por ultimo as arrojadas tentativas de assassinato contra o imperador, convenceu-se finalmente,—e ainda bem!—, de que só a Igreja Catholica poderia extirpar aquella tão terrivel associação e reconduzir ao seio d'aquelle imperio a prosperidade e o bem-estar geral.

Não nos deixemos dominar, nem tão pouco desfallecer, pelas mentiras e calumnias, que uma certa imprensa abominavel vomita por toda a parte contra a religião catholica e seus ministros, publicando alguns escandalos e guardando o mais rigoroso silencio sobre os actos heroicos e rasgos de dedicação e abnegação praticados pelos filhos da fé catholica!

E' tempo ainda de dar remedio a tão grandes males e a tão terribreis calamidades!

Ao Summo Pontifice Pio IX, de saudosissima memoria, cuja morte nos lançou em profundas trevas de tristezas e de vivas máguas, e nos commoveu a ponto de se inclinarem todas as frentes e estremeceêr de dôr toda a terra, ao lembrar-se com pungente saudade do famoso Pontifice, que cessára de existir; a osse Venerando Ancião, que se finára entre os suspiros e lagrymas dos seus duzentos milhões de estremecidos filhos, succedeu um outro Pontifice, Leão XIII, que, pela sua perspicaz intelligencia e profunda sabedoria, ha de procurar fazer nascer para a Igreja e para a sociedade dias melhores e mais auspiciosos!

Acerquêmo'-nos d'Elle, pois, cuja voz augusta e infallivel, nos ha de inculcir coragem para podermos entrar na esforçada e heroica lide contra tão perigosos inimigos de Deus e dos homens!

Acatêmos o Seu verbo inspirado pelo Divino Espirito Santo; porque elle será balsamo para as nossas tristezas, conforto para as nossas máguas, coragem e vigor para as nossas fraquezas, e santa bençam para todos os que entrarmos n'estas encarniçadas luctas contra o atheismo e impiedade do *socialismo*!

Mas estaremos nós, estará o clero bem revestido das armas da paciencia, da resignação, da sciencia e da coragem para soffrer pacientemente os horrores da revolução, que brame e echóa por todos estados da velha Europa?

E que meios mais proprios e mais proficuos poderemos nós empregar para vencer, dominar e extinguir o *socialismo*?

São estas as questões, que nós propozemos no primeiro capitulo d'este escripto, e para cuja solução nos reservamos em outro artigo.

Braga, 15 de outubro de 1878.

E. A.

---

## NOTICIAS E FACTOS DIVERSOS

### EXPEDIENTE

Roga-se a todos os snrs. assignantes d'este Semanario, que estão em divida de suas assignaturas, (alguns desde o primeiro volume até agora), que mandem satisfazer a sua importancia, devendo lembrar-se do grave prejuizo que estão causando com a falta do pagamento d'esta divida.



As remessas do dinheiro para tal fim podem ser feitas em vales do correio ou em estampilhas e remetidas ao *Administrador da Semana Religiosa Bracarense*, assim como tudo o mais que pertencer ao expediente d'Administração; tudo porém o que disser respeito á Redacção deve ser dirigido á *Redacção da Semana Religiosa Bracarense*.

—\*—

No domingo, dia 6 do corrente, teve lugar, como annunciamos, a abertura das aulas do Seminario com a missa do Espirito Santo e profissão de fé.

A oração de *sapientia* recitada pelo snr. Dr. Moreira Guimarães foi brilhante e vai ser impressa.

Cantou a missa o revd.<sup>o</sup> Vice-Reitor do Seminario.

A missa e hymno *Veni Creator* foram cantadas pelos Seminaristas a canto-chão e órgão, e fóra da capella do Paço tocava uma banda de musica, que acompanhou o prestito até á sala dos retratos.

Foi na realidade uma festa imponente.

—\*—

No domingo realisou-se a abertura solemne das aulas que compõem o curso de sciencias theologicas no Seminario diocesano do Porto.

A missa do Espirito Santo foi celebrada pelo revd.<sup>o</sup> Philippe Coelho, que teve por acolytos os reverendos Borges e Talhadas, perfeitos do Seminario. Alguns Seminaristas cantaram a missa, que foi acompanhada a órgão.

O snr. D. Americo, com dois conegos assistentes, o seu secretario e famulos, viam-se na capella-mor.

Estavam presentes todos os alumnos do Seminario, todo o corpo docente, quasi todos os abbades das freguezias e os d'algumas dos arrabaldes.

Tambem assistiram o snr. Bispo eleito do Algarve, Thadeu Maria de Almeida Furtado, lente da Academia de Bellas Artes, dr. Florido Telles de Menezes e Vasconcellos, Vasco Columbano, ajudante do general, membros da camara ecclesiastica, dignidades do cabido, pessoal da prebendaria, e varias outras pessoas de distincção.

Depois de terminada a missa todo o ceremonial e as pessoas já nomeadas subiram para o Seminario, em cuja sala principal se procedeu á cerimonia da abertura solemne.

A sala tinha as columnas enramadas de heras e avivada com plantas ornamentaes; e ao centro levantava-se um estrado com docel de damasco, sob o qual tomou lugar o Exc.<sup>mo</sup> Prelado.

Recitou o discurso de «*Sapientia*» o revd.<sup>o</sup> Manoel Ignacio da Silveira Borges, exhortando os alumnos ao estudo, relembrando-lhes os seus deveres e as virtudes que devem possuir, para que o seu ministerio sagrado seja efficaz e productivo.

Em phrase concisa e conceituosa, divagou com muito acerto sem desviar-se do assumpto, sobre a missão do sacerdote e sobre a importancia da sua educação religiosa.

Fallou em seguida o Exc.<sup>mo</sup> e Revd.<sup>mo</sup> Prelado que elogiou o orador e congratulou-se pelo adiantamento dos alumnos, dizendo que os premiados foram escolhidos d'entre os bons e os optimos e que exultava por ver alguns laureados no 2.<sup>o</sup> anno.

Procedendo-se á distribuição dos premios foram proclamados os nomes que seguem:

1.<sup>o</sup> anno em merito scientifico com menção honrosa—Olimpio d'Oliveira Santos.

2.<sup>o</sup> anno, em merito scientifico com premios—Manoel Luiz Coelho da Silva e Theotonio Manoel Ribeiro Vieira de Castro.

3.<sup>o</sup> anno, em merito scientifico—com menção honrosa—Manoel Pereira.

Em merito moral civil e religioso foram premiados os snrs:

Agostinho de Jesus Ferreira, Belmiro Nogueira de Souza Freire, Manoel Luiz Coelho da Silva, Theotonio Manoel Ribeiro Vieira de Castro, Antonio Jorge da Costa Amorim, Olimpio de Oliveira Santos, Jeronymo Barboza Pinto, Antonio Machado Coelho, Manoel José Leite Pereira de Meirelles, José Rodrigues Ascensão, Frederico Mereira da Silva, José Rodrigues Pinto Pimentel, Antonio Joaquim de Mattos e Silva, Celestino da Silva Ramalho e Antonio Pereira Soares.

Os premios consistiram em livros de sciencias theologicas e foram offerecidos pelo snr. D. Americo.

—\*—

No *Boletin official del Arzobispado de Santiago* vem descripta a abertura das aulas no Seminario Compostelano no presente anno de 1878 a 1879, que teve logar no dia 30 de Outubro.

Uma commissão dos professores presididos pelo Vice-Reitor do Seminario foram buscar o Em.<sup>mo</sup> Snr. Cardeal Arcebispo; e reunidos na sala reitoral saíram ordenadamente, precedidos de largas fileiras de Seminaristas internos e d'um Bedel em trajo de cerimonia, atravessando o grandioso claustro adornado de festões de flores se dirigiram ao magestoso templo de S. Martinho.

Chegados alli, o Em.<sup>mo</sup> Prelado tomou a sua cadeira assistindo-lhes d'um e d'outro lado os reverendos Deão e Arcediago em trajo academico, assim como os professores, doutores e graduados assistentes ao solemne acto; estavam tambem commissões da camara, Universidade, instituto, militares, e sociedade economica, padres missionarios de Terra Santa, e outros convidados.

Celebrou o Santo Sacrificio da missa o revd.<sup>o</sup> reitor do Seminario, com acompanhamento da orchestra da Santa Igreja cathedral.

O discurso inaugural foi encarregado ao Dr. Zunzúgné, professor do Seminario; que tomou por assumpto—*a divindade do christianismo demonstrada pela victória d'este sobre a força material.*

Reunidos depois todos os professores e ajoelhados junto do altar e aos pés de S. Em.<sup>ma</sup> fizeram a profissão de fé prescripta na legislação Ecclesiastica vigente.

Terminou este acto na sala reitoral com a distribuição aos assistentes da oração inaugural elegantemente impressa, e com a affectuosa despedida de S. Em.<sup>ma</sup>.